

# RUY PÓVOAS E EU - CAMINHOS DE AMIZADE

Tica  
Simões<sup>1</sup>

**A**s memórias são muitas, a emoção imensa! Neste seminário dos 70 anos do meu amigo-irmão Ruy Póvoas, vou dar o meu depoimento sobre a trajetória que fez os nossos caminhos paralelos se comunicarem por pontes de afinidades. Das muitas faces de Ruy, eu vou tentar juntar pontas.

[1] Professora titular de Literatura Portuguesa da Universidade Estadual de Santa Cruz - UESC, membro da Academia de Letras de Itabuna, BA.  
E-mail.: <ticasimoes@uol.com.br>.

Acreditando que o valor dos acontecimentos está relacionado com a sua intensidade, resalto apenas alguns momentos. E, aqui, somente coloco uma síntese das lembranças.

Pensando no seu belo livro *Da Porteira para Fora*<sup>2</sup> eu, que sou de fora da “Porteira”, vou lhes falar das faces de Ruy em relação ao seu fazer onde com ele convivi. É claro que não se trata de uma visão dicotômica, sempre o conheci inteiro. Estando cá fora, sempre foi, também, o pai de santo; estando no terreiro, nunca deixou de ser o professor. Pelo menos foi assim que eu sempre o vi. Mas quero falar da face de Ruy com a qual eu mais trilhei, por ter sido também a minha vivência e, exatamente por isso, posso testemunhar. Refiro-me àquela relacionada com a nossa vida acadêmica: por um lado, no que diz respeito à história do ensino superior na Região Sul Baiana; por outro, no que atenta às mudanças paradigmáticas do nosso caminhar científico.

Conheci Ruy em 1970, 43 anos antes desta data, na então Faculdade de Filosofia de Itabuna, um espaço acadêmico, fora da sua “porteira”, onde ele se graduou em 1972. Eu, agnóstica, embora filha de pais católicos, cabeça de Odé,

segundo Ruy, encontrei nessa amizade um irmão de escolha. Assim, é preciso que eu diga que, no universo desse meu amigo-irmão, habito, como se pode depreender, da porteira para fora. No entanto, tal condição, ao contrário de nos afastar, nos uniu em admiração, respeito, complementaridade.

**Conheci Ruy em 1970, 43 anos antes desta data, na então Faculdade de Filosofia de Itabuna, um espaço acadêmico, fora da sua “porteira”, onde ele se graduou em 1972. Eu, agnóstica, embora filha de pais católicos, cabeça de Odé, segundo Ruy, encontrei nessa amizade um irmão de escolha.**

Os anos 70, quando nos conhecemos, foram tempos de implantação do ensino superior na Região. Liderados por Manoel Simeão da Silva e Flávio Simões Costa participamos da Faculdade de Filosofia de Itabuna - FAFI. Primeiro como alunos; depois, como professores. Tempos de embates políticos; para nós, além disso, tempos de muito estudo e de mudança de paradigmas. Ele, pelos caminhos da Linguística e Língua Portuguesa; eu, pelos caminhos da Teoria da Literatura e das Literaturas Portuguesa e do Cacao. *Pari passu*, seguíamos discutindo, estudando.

Formados ambos numa visão cartesiana de paradigma filológico, percorremos a vertente historicista, através da *história das idéias*, da *corrente positivista*, voltada para a história da literatura: texto literário como documento (Taine, Augusto Comte); linha sociológica (Lukács, Goldmann); análise sociológica do discurso (Adorno, Benjamin). Depois, a imanentista, de base psicológica, impressionista, a-histórica.

[2] PÓVOAS, Ruy do Carmo. **Da porteira para fora**: mundo de preto em terra de branco. Ilhéus: Editus, 2007.



Foto 42: acervo Tica Simões

Nas suas várias e sucessivas vertentes, o paradigma filológico abrigava as teorias que orientavam para a imobilidade da verdade do texto e por conter predicados de julgamento (bom, verdadeiro, puro). Com essas orientações, caminhamos pela mão do filólogo Simeão. Já iniciando a transição paradigmática, com Rivaldo Baleeiro, na Linguística, conhecemos Saussure e Jakobson; orientados por Ritinha Dantas, tivemos os pri-

meiros contatos com o Formalismo Russo.

Daí, passamos a vivenciar a obra literária no princípio da ciência da literatura. Então, a metodologia passou a ser em vertente do tipo descritivo a partir de teorias científicas de base linguística. Sem normatização, sem predicados de julgamento. A base que antes era a história da idéias ou a psicologia ou ainda a sociologia (tipo normativo), no mesmo pa-

radigma (imobilidade da verdade), passa ao tipo descritivo, com base nas teorias linguísticas. A abordagem, de diacrônica, passa a sincrônica. O formalismo russo se instaura e desencadeia o *new criticism*, por um lado; estruturalismo literário, por outro. O texto vale por ele mesmo, sem inferências históricas ou contextuais. A literariedade é determinada pelas marcas estruturais distintivas, inerentes à obra.



Já daí, começamos por repensar paradigmas: Estudar *As Estruturas das Revoluções Científicas*<sup>3</sup>, de Thomas Khun para entender que “o homem só vê aquilo que está preparado para ver”! Depois, Gadamer, em *Verdade e Método*<sup>4</sup>, entendendo questões de hermenêutica e nos afastando das verdades absolutas. Juntos, estudamos a *Obra Aberta*<sup>5</sup>, de Umberto Eco, encantados com a possibilidade das várias interpretações de um mesmo texto. Os nossos espíritos inquietos e múltiplos gostaram dessas reviravoltas!! Estudamos o estruturalismo, em busca do salto do olhar sobre o mundo e a ciência. Lembro que levamos tardes inteiras, por meses a fio, buscando entender idéias estruturais da narrativa, conforme Roland Barthes, Greimas, Umberto Eco, Gerard Genette, Tzvetan Todorov. Depois, os nossos caminhos começaram a andar paralelos: ele pelo Gerativismo, com Chomsky; eu, pela Estética da Recepção, com Jauss.

Esse foi um tempo em que a comunicação não contava com a *internet*; era somente correio, mesmo! Mal existia televisão. Tínhamos notícias de novas publicações e tendências, somente em congressos. Nessas



ocasiões, era quando nos atualizávamos. Não existiam e-mails, redes sociais, *facebook*s, blogs ou salas de discussões temáticas. NADA!! Google, nem pensar. O esforço para a gente se manter atualizado era gigantesco. Nós, os tupiniquins das ricas terras-do-sem-fim, surpreendíamos quando, nos congressos, apresentávamos estudos dentro de perspectivas modernas e originais. Ruy, já investigando a linguagem do candomblé; eu, enveredando pela Literatura Comparada, buscando identificar expressões novas da Literatura do Cacau; da Literatura Portuguesa.

**A nossa vivência universitária não se limitava à sala de aula. Embora fôssemos horistas, fazíamos pesquisa, quando isso ainda não estava instituído na FESPI**

Nesse ínterim, contando com a riqueza do cacau, a reviravolta do ensino regional, reunindo lideranças, juntou as faculdades isoladas de Filosofia -FAFI (Flávio Simões Costa, Manoel Simeão), Direito -FDI (Soane Nazaré, Hamilton Inácio de Castro), e Economia

[3] KUHN, Tomas. **A estrutura das revoluções científicas**. Trd. Beatriz V. Boeira e N. Boeira. 3 ed. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1992.

[4] GADAMER, Hans-Georg. **Verdade e método**: traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica. Trad. Flávio P. Meurer, 3 ed. Petrópolis-RJ: Ed. Vozes, 1997.

[5] UMBERTO, Eco. **Obra aberta**. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1968.

- FACEI (Érito Machado, Flávio Simões, Raimundo Machado) em Federação das Escolas Superiores de Ilhéus e Itabuna – FESPI. Estávamos em 1974. A riqueza do cacau fazia a nossa Região poder acalentar o sonho do ensino superior público, tomando a CEPLAC como mantenedora da FESPI. Eram tempos dos frutos de ouro!

Nesse meio, nós éramos a geração jovem, que despontava promissora. Caminhávamos ávidos e idealistas. O nos-

so olhar se alargou em novo paradigma comunicacional e comungando dos novos propósitos para o ensino universitário na Região. A nossa vivência universitária não se limitava à sala de aula. Embora fôssemos horistas, fazíamos pesquisa, quando isso ainda não estava instituído na FESPI. Era imperativo. Além disso, fazendo trio com Margaridinha Fahel, trabalhávamos em outros projetos: preparação e execução dos vestibulares; reformulação cur-

ricular do curso de Letras. Incansáveis, visionários, varávamos dias e noites ...

Nessa época, também foram tempos de PACCE – Projeto Artístico Cultural Cacau Europa. Afora os consagrados Jorge Amado e Adonias Filho, Telmo Padilha, Hélio Pólvora, Cyro de Mattos eram os expoentes literários da Região à época. Foi quando despontou o poeta Ruy Póvoas, em 1982, integrando a antologia organizada por mim e publicada pelo PACCE. *Peque-*



Foto 44: acervo Kawé

na antologia de novos poetas da região cacauera<sup>6</sup>: “Quem canta seus males espanta”, assim começava um dos seus poemas. Depois, também integrou a *Poetas novos da Região Cacauera*<sup>7</sup>, que publiquei em 1987. Em 1988, publicou o seu primeiro livro de poesia *Vocabulário da Paixão*.

Nesses anos 80, em tempos de FESPI, Ruy foi fazer o mestrado na Universidade Federal do Rio de Janeiro (1981-1983) e eu o doutorado, na Universidade Nova de Lisboa (1988), em Portugal. Nessa década, nasceu *A Linguagem do Candomblé – níveis sociolinguísticos de integração afro-portuguesa*<sup>8</sup>, fruto da sua dissertação. Publicado em seguida, estava eu em Portugal, lembro-me quando recebi o livro pelo correio. Tomei-o nos braços, como a um sobrinho esperado, e o levei às embaixadas de Angola e Moçambique; apresentei-o a professores africanos da Universidade Nova de Lisboa, a exemplo de Lourenço do Rosário, então do Conselho Científico da UNL, depois reitor da Universidade em Moçambique. Ainda sobre o livro, publiquei a resenha crítica na revista portuguesa *Colóquio/Letras* n.º 115/116, Maio 1990, p. 202-203.

**Para isso e por isso, orientávamos (e orientamos ainda hoje) ser necessário que tivéssemos bem clara a teoria e, conseqüentemente, a metodologia mais coerente com a postura que assumíamos como estudiosos, educadores e cidadãos.**

Nesse tempo de distâncias, nos correspondíamos. E aqui digo da riqueza da sua produção epistolar. Era o melhor do dia, quando recebíamos correspondência de Ruy. Parávamos o que estivéssemos fazendo para ler as cartas ricas em humor e informações - da academia e da terrinha! (mas falar dessa produção só em outro seminário).

Depois, já de volta ao Brasil e à Região, pelo ano de 1990, lembro, tínhamos aulas à noi-

te e, inquietos sempre, conversávamos sobre política universitária e sobre os caminhos teóricos do novo paradigma comunicacional. Em 1991, atuantes no Departamento de Letras e Artes, passamos a organizar, com Margaridinha Fabel, os Encontros Regionais de Professores de Língua Portuguesa e Literatura do Ensino de 2º Grau da Região Cacauera da Bahia. Idealistas, antes de tudo buscávamos contagiar o ensino como um exercício de prazer, para o professor e para o aluno. Sob pena de termos um trabalho indefinido de caminhos e objetivos, entendíamos (e até hoje assim entendemos) que o ensino deve estar harmonizado com toda uma postura educacional e com uma ideologia. Para isso e por isso, orientávamos (e orientamos ainda hoje) ser necessário que tivéssemos bem clara a teoria e,

[6] SIMÕES, Maria de L. Neto. **Pequena antologia de novos poetas da Região Cacauera**. São Paulo: Editora/PACCE, 1982.

[7] SIMÕES, Maria de L. Neto. **Poetas novos da Região Cacauera**. Brasília: Editora/PACCE, 1982.

[8] PÓVOAS, Ruy do Carmo. **A Linguagem do Candomblé: níveis sociolinguísticos de integração afro-portuguesa**. Rio de Janeiro: José Olímpio Editora, 1989.



consequentemente, a metodologia mais coerente com a postura que assumíamos como estudiosos, educadores e cidadãos. Esses seminários foram reeditados durante vários anos, com sucesso.

Naquela época, as lutas por uma universidade pública e gratuita estavam acirradas. Primeiro, pela via da federalização. No entanto, a falta de liderança política regional no cenário nacional e a decadência da lavoura cacaueteira não viabilizaram essa via. Em 1991, conseguimos a estadualização e a FESPI se tornou Universidade Estadual de Santa Cruz - UESC. Inicialmente, num reitorado *pro-tempore*. Depois, em 1995, militamos em lados opostos pela eleição da primeira reitora da UESC. Mas isso, em momento algum, arranhou a nossa amiza-

de. Pelo contrário. O respeito à divergência de idéias, que sempre nos uniu, estreitou os nossos laços.

Nos anos que se seguiram, olhares alargados, trilhamos os Estudos da Cultura, visitando a Nova História, a Antropologia, a Geografia, as questões postas pela globalização... Ele criou o núcleo de pesquisa Kàwé; eu, o Identidade Cultural e Expressões Regionais - ICER. De perspectivas diversas, cada um com o seu olhar, na linguagem ou na literatura, buscávamos a cultura através de Foucault, Durand, Micea Eliade, Ortiz, Geertz, Jung, Mafesolli, Felix Guatarri, Featherstone, Stuart Hall, Canclini, Gumbrecht, Iser... Portanto, ainda aí, trocamos complementariedade. Quando eu tinha orientações que tangenciavam as ques-

tões da cultura afro, ele vinha em meu auxílio. Exemplo disso foi a co-orientação de Marialda Jovita – a educação pelo silêncio no candomblé; depois, a de Noeme Passos, que estudou o acarajé em relação ao turismo.

Ao longo da nossa trajetória, tenho o prazer em dizer que as nossas (con)vivências foram, às vezes, inspiradoras. Foi o caso do poema *Metáfora Da Pia*, que está publicado da *Pequena antologia de novos poetas da Região Cacaueteira*. Dentre outros, anos depois, o *Batetê*. Estava eu preparando uma palestra sobre a presença das especiarias na literatura da região, para um congresso internacional; depois de citar vários autores regionais, observei que não havia nenhum texto de Ruy sobre o assunto. Era domingo, lembro. Liguei



Foto 45: acervo Ilê Axé Ijexá

para ele e perguntei. Como ele disse que não havia escrito nada sobre o tema, eu o instei a fazer um texto. Ele me respondeu desafortadamente. Desliguei. Eram mais ou menos 9 horas da manhã. À tarde, pelas 16:00hs, ligou-me: o seu texto está pronto, sua insuportável! E essa foi a gênese do belo *Batetê*. Ensinando a receita do manjar africano, metaforicamente, faz o leitor se deliciar com o amor de Cecéu:

A noite não foi bem dormida: tinha brigado com Cecéu. Uma semana de mal. Após um café rápido, com mil pensamentos cortando a cabeça, saiu para comprar os temperos: tinha de comer batetê. Aquele seria um batetê caprichado: inhame ralado, sal, cebola, camarão pisado. Ah, sim: um dente de alho bem socado, o toque do mistério. Gengibre! Sim, gengibre! Ah, Cecéu!

Quando, em 2000, fui fazer o pós-doutorado, levei o texto para Moçambique. Sucesso!

Além de tudo isso, é preciso acrescentar que inúmeras foram as parcerias desenvolvidas ao longo da vida: organização de seminários e cursos, bancas de concursos, vestibulares, produção de textos/ mútua revisão... Depois, mais maduros, já a partir de 2000, passamos a realizar parcerias em consulto-

rias, pesquisa, pareceres, trabalhos de avaliação de cursos de Letras para o Conselho Estadual de Educação, confraria na Academia de Letras de Itabuna. Trocas... Tanta coisa a contar que não cabe neste espaço; é conversa para depois...

**Hoje, irmão, é o corcamento da sua META. Através de um caminho tortuoso, espiralado, você CONSEGUIU juntar pontas, fazer tocar culturas, marcar o espaço afrodescendente na academia. Ao deixar esta Universidade, você permanece**

Afora questões acadêmicas, tenho muitos agradecimentos ao amigo por seu permanente

cuidado e proteção, apesar do meu ceticismo. Os exemplos são incontáveis – como quando, um dia, sentindo que eu precisava, saiu andando movido por um chamado somente do sentir e encontrou-me no pronto socorro do hospital. Ou quando me advertiu que não viajasse de carro e eu, teimosa e cética, fui; mas o aviso foi ouvido por Henrique, que percebeu a tempo a avaria do carro quase a incendiar. ... Ou... ou... são muitos os acontecidos...

Hoje, irmão, é o corcamento da sua META. Através de um caminho tortuoso, espiralado, você CONSEGUIU juntar pontas, fazer tocar culturas, marcar o espaço afro-descendente na academia. Ao deixar esta Universidade, você permanece. Fica na sua produção científica, na sua produção literária, no trabalho realizado. Aqui você marcou o seu espaço de cidadão afrodescendente. Fez o caminho. Derrubou porteiras...

Mas, mais que tudo, fez amigos. E esses seus amigos, admiradores e seguidores continuarão com você ... na sua história.

[9] PÓVOAS, Ruy do Carmo. **Fazenda de Conto, Fazendo de Conta**. Ilhéus: Editus, 2014.